



TRAMAS POTENTES?: A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO RELATÓRIO DE ESG DA GLOBO E NA NOVELA *GAROTA DO MOMENTO*

Vitória Maria Faria Lelis Duarte¹

Thayná de Souza Santos²

Introdução

Neste trabalho, propomos discutir a representação de mulheres negras na novela *Garota do Momento*³ a partir dos discursos presentes no Relatório de ESG⁴ 2024 da Rede Globo e nos comentários de uma matéria, publicada no perfil *Léo Dias*⁵, no Instagram, que destacam a perda de espaço da protagonista negra, interpretada por Duda Santos. Para isso, pretendemos analisar 1) as condições de produção dos discursos presentes no relatório e na matéria; 2) as formações imaginárias sobre mulheres negras presentes no *corpus*; 3) as regularidades e as contradições existentes entre os dois materiais.

Sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD) materialista, os enunciados não se sustentam na sua literalidade, mas são atravessados pelas condições de produção que os constituem, ou seja, pelas relações de poder e ideologia em que são formulados. Conforme afirma Orlandi: “o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (Orlandi, 2009, p. 38). Nesse viés, ao confrontarmos as declarações⁶ dispostas no ESG e o modo como *Garota do Momento* representa sua protagonista negra, juntamente às reações do público, emergem contradições significativas passíveis de análise.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mariana Jafet Cestari.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mariana Jafet Cestari.

³ Telenovela exibida na Rede Globo de novembro de 2024 a junho de 2025. A trama se passa na década de 1950 e tem como protagonista (negra) Beatriz (Duda Santos), jovem que foi criada pela avó acreditando que a mãe, Clarice (Carol Castro) havia falecido. Ao saber que a mãe está viva, ela se muda para o Rio de Janeiro na intenção de reencontrá-la, mas descobre que ela sofre de amnésia e não se lembra dela. Clarice tem outra filha com o mesmo nome, Beatriz (chamada pelo apelido Bia, interpretada por Maísa Silva), a antagonista (branca) da história. Enquanto busca respostas sobre o seu passado, Beatriz se torna garota propaganda de uma das maiores fábricas de sabonete do país. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/garota-do-momento/personagem/beatriz/>. Acesso em 14 de nov. de 2025.

⁴ Sigla, que, em português, significa Ambiental, Social e Governança. Foi proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma forma de criar diretrizes que possibilitem às empresas alcançar o desenvolvimento econômico em conjunto com o desenvolvimento sustentável, que inclui a preservação do meio ambiente e a redução das desigualdades sociais (Irigaray; Stocker, 2022, p. 1-4).

⁵ O perfil no Instagram do jornalista Léo Dias é direcionado a notícias sobre celebridades e acontecimentos da mídia. Disponível em: <https://www.instagram.com/leodias/?hl=pt-br> Acesso em: 20 nov. 2025.

⁶ Tais declarações serão analisadas na próxima seção como SD: Sequências Discursivas.



Um gesto de análise

Althusser (1985) discute o funcionamento da ideologia afirmando que ela não é simplesmente uma representação mimética da realidade, mas a representação de uma relação imaginária entre os indivíduos e suas condições reais de existência materializada em práticas. Nessa perspectiva, Modesto (2018) afirma que a ideologia é essencialmente materialista, se afastando das noções que a entendem como uma concepção de mundo. Para Althusser, uma das funções da ideologia é interpelar o indivíduo em sujeito através dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que trabalham reproduzindo as condições de produção capitalista. Assim, entendemos a mídia como um aparelho ideológico de estado, pois como afirma Borges (2012, p.186), “a televisão ganhou o *status* de formadora de opinião, e tomou o lugar de instituições que antes eram as responsáveis por fazê-lo, como a igreja, a família e a escola”. A ideologia reproduzida na mídia corresponde à classe dominante, que, conseqüentemente, detém o poder de ditar identidades e definir suas representações.

Ao procurarmos nos inteirar sobre quem são os profissionais que ocupam cargos de tomada de decisão na produção das telenovelas, percebemos que são em sua maioria homens brancos pertencentes às classes média e alta⁷. Esse pequeno grupo detém o poder de controlar quais histórias serão contadas nas novelas; quem pode e quem não pode aparecer; quais pessoas merecem destaque. Essa condição é uma consequência direta do desejo de embranquecimento da população, planejado pela elite intelectual brasileira após o fim do período escravocrata (Carneiro, 2012). Esse plano deixou sua marca nas produções da TV, principalmente nas telenovelas, determinando a branquitude como padrão de beleza e humanidade (Araújo, 2008), e tornando natural a atuação de atrizes negras em papéis estereotipados e subalternos a personagens brancas (Carneiro, 2012). Dessa forma, resta às atrizes negras quase sempre papéis como os de mulheres escravizadas e empregadas domésticas, que foram largamente importados do cinema estadunidense (Araújo, 2008).

Nesse sentido, as políticas de ESG têm recebido cada vez mais espaço nas organizações, especialmente porque ter medidas que contemplem essas três frentes se tornou uma forma de avaliar a qualidade do negócio (Irigaray; Stocker, 2022). O Grupo Globo, maior conglomerado de comunicação do país,⁸ produz e disponibiliza em seu site, desde 2021, o Relatório ESG com dados referentes ao ano anterior. No entanto, é fundamental perceber que possuir políticas de ESG não significa necessariamente que a empresa se preocupe com o impacto de suas ações no meio ambiente e na qualidade de vida de seus funcionários. O ESG se tornou uma forma de criar uma imagem positiva perante o público - aqui, podemos evocar as formações imaginárias que Pêcheux (1969) aponta como constituintes das condições de produção do discurso. Mobilizando esse conceito, percebemos que o relatório constrói uma relação imaginária entre a

⁷ Disponível em: https://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2025/10/TD-Novelas_diretores_2.1.pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

⁸ Disponível em :<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/01/01/100-anos-de-globo.ghtml> . Acesso em: 12 out. 2025.



empresa e os investidores do conglomerado - projetado como um sujeito que ocupa uma posição discursiva que valoriza responsabilidade ambiental e social, governança e transparência, e para quem essa imagem institucional é estrategicamente produzida, como revela o título do site: *Relações com Investidores*⁹.

Selecionamos como parte do nosso *corpus* algumas sequências discursivas presentes no Relatório ESG 2024 da Globo que abordam a representação de mulheres negras nas novelas. Elas foram selecionadas no tópico *Entretenimento*, em que são discutidos os produtos não-jornalísticos do ano de 2024, o que inclui novelas, *reality shows*, variedades, música e eventos, programas de humor e programas de auditório. Nele, vemos a seguinte declaração sobre os grupos sub-representados, que o documento define como negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e pessoas com deficiência.

SD1: Acreditamos que os milhões de brasileiros que nos acompanham precisam se sentir representados em nossos conteúdos e, por conta disso, nosso compromisso com os quatro grupos sub-representados prioritários é inegociável (Globo, 2025, p. 22).

Aqui, e nas outras SD que apresentaremos ao longo da discussão, vemos uma posição sujeito identificada com a instituição Rede Globo, um sujeito institucional que busca defender as ações e produções da emissora. Nesse movimento, projeta-se um sujeito que se apresenta como comprometido com as diferenças, ao afirmar que possui um “compromisso inegociável” com grupos historicamente sub-representados (que são definidos pela própria empresa). Tal formulação supõe, por antecipação, a existência de outros sujeitos que poderiam desejar que essa postura fosse diferente, isto é, que relativizassem ou até negassem a necessidade de tal compromisso. Além disso, ao dizer que “todos os brasileiros querem se sentir representados”, o discurso mobiliza o pré-construído de que a TV brasileira - e, especificamente, a Globo - ocupa socialmente o lugar de reconhecimento (ou de não reconhecimento) da diversidade no país. Dessa forma, podemos localizar no próprio pré-construído da própria Globo, que historicamente reproduziu sentidos estereotipados das mulheres negras, uma posição-sujeito que funciona se contrapõe a esse compromisso anunciado.

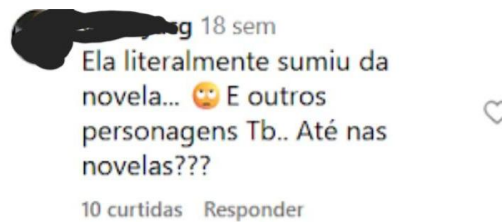
Sendo assim, o que faria os membros desses grupos se sentirem representados? A partir dessa SD, entendemos que é ver atores e atrizes com as mesmas características em cena. E além disso, podemos pensar, através da AD materialista, que é ver personagens ocupando posições-sujeito¹⁰ diversas, o que proporcionaria ao público se identificar com alguma(s) dela(s). Entretanto, para ver as mulheres negras (que é o foco do nosso trabalho) ocupando diversas posições-sujeito, é necessário, primeiramente, vê-las tendo

⁹ Disponível em: <https://globoir.globo.com/list.aspx?idCanal=UFXki2bOc/BfD7Z/Z5XPxg==&linguagem=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.

¹⁰ Aqui, tomamos a noção de posição-sujeito na concepção de Pêcheux, explicada por Dela-Silva como as posições que o sujeito ocupa ao falar. Essa posição depende do contexto sócio-histórico e da interpelação ideológica, que fazem com que, no interior de uma formação discursiva, o dizer do sujeito ocupe uma determinada posição e não outra. Essas posições podem ser de assujeitamento, contra-identificação ou desidentificação com a formação discursiva em que se inscreve (Dela-Silva *et al.*, 2022, p. 187).



espaço em cena. A protagonista Beatriz possui esse espaço? A matéria do perfil *Léo Dias*, no Instagram, indica que não, já que apresenta, como chamada, o escrito: “Fãs de ‘Garota do Momento’ se revoltam com falta de espaço de Duda Santos”. Recortamos um comentário do *post*, que consideramos como uma SD, que endossa tal crítica:



Captura de tela realizada do perfil *Léo Dias*, no Instagram

SD2: Ela literalmente sumiu da novela... e outros personagens também... até nas novelas???

Na SD2, é possível perceber o funcionamento de diferentes formações discursivas que atravessam esse dizer. Começamos pelo advérbio “literalmente” que, de modo enfático, reforça a percepção de apagamento total da personagem negra. Um apagamento que não é apenas narrativo, mas simbólico. O sujeito que enuncia se inscreve em uma formação discursiva crítica que tensiona o discurso institucional de representatividade sustentado pela Globo em seu Relatório ESG. Ao dizer “ela literalmente sumiu da novela”, o enunciador expõe a contradição entre o discurso da diversidade proclamado pela emissora e a prática dramatúrgica que reitera ausências.

Além disso, o trecho “e outros personagens também...” produz um efeito de sentido de ampliação, indicando os outros personagens negros (mulheres e homens), integrantes do núcleo secundário e envolvidos no movimento negro, que perderam espaço na narrativa da novela. O questionamento “até nas novelas?”, que aparece no fim da SD, enfatiza o descontentamento da enunciativa com esse apagamento que não acontece *apenas* na ficção: a falta de visibilidade das pessoas negras na esfera pública é histórica e persistente. Apesar disso, a ficção é também uma possibilidade de abertura de possibilidades, de novas narrativas, e se espera que uma novela que apresenta um elenco constituído em grande parte por atrizes e atores negros apresente um deslizamento dos sentidos cristalizados na memória discursiva sobre pessoas negras. Ao manter as mesmas formações imaginárias sobre qual deve ser o lugar de pessoas negras na mídia, ou seja, ao retornar ao mesmo ciclo de apagamento e restrição desse grupo no desenrolar da trama, a enunciativa se frustra: sua expectativa foi quebrada.

Mais a frente, no subtópico *Impacto nas telas*, o documento apresenta outra afirmação, que selecionamos para análise:

SD3: Em 2024, a Globo alcançou um marco muito importante em sua dramaturgia: pela primeira vez em sua história, houve a presença de mulheres negras como protagonistas simultaneamente nas três faixas horárias de novelas inéditas: *Garota do momento*, *Volta por Cima* e *Mania de Você*. A diversidade racial esteve presente em todas as obras, com atores e seus personagens envolvidos em tramas potentes (Globo, 2025, p. 24).



Na SD3, produz-se um efeito de sentido de causa e consequência: ao incluir atrizes negras como protagonistas das três novelas inéditas exibidas pela emissora, a diversidade racial está presente nas obras. No entanto, podemos nos perguntar, mais uma vez: a criação de protagonistas negras é o suficiente para garantir a diversidade racial? Entendemos que, mais importante do que denominar uma personagem negra como protagonista, é a forma como ela está presente na trama. As mulheres negras estão sendo representadas nas novelas desde o começo de sua produção no Brasil - mas foram historicamente representadas através de personagens submissas a personagens brancas, mesmo quando ocupam a posição de protagonistas da trama. Podemos pensar, discursivamente, que essas personagens ocupavam majoritariamente posições-sujeito assujeitadas a uma formação discursiva racista, que, através dos seus saberes, mantinham as representações das mulheres negras de forma controlada no que se espera ser o lugar das mulheres negras na vida real.

Aqui, apesar da afirmação da SD3 de que a diversidade racial esteve presente na novela *Garota do Momento*, vemos que as imagens se repetem: Beatriz, apesar de ser a protagonista, aparece pouco, e quando aparece, não tem o espaço esperado de uma protagonista. Bia, a antagonista branca, é quem tem o destaque, tanto em relação ao tempo de tela quanto na participação no desenrolar da trama. Dessa forma, não vemos irromper uma nova posição-sujeito a partir de Beatriz, que continua presa aos mesmos lugares de outras personagens negras ao longo da história das novelas: posições de subalternidade em relação às personagens brancas, que reproduzem discursos pré-construídos já cristalizados sobre as mulheres negras, enquanto a branquitude é mostrada como sinônimo de humanidade (Araújo, 2008; Carneiro, 2012).

No mesmo tópico, vemos uma breve descrição da novela *Garota do Momento*:

SD4: A novela ambientada nos anos 50 retrata a luta contra o racismo e a atuação do movimento negro vigente na época por meio de sua protagonista, uma jovem negra sonhadora e determinada. O preconceito LGBTQIA+ e o etarismo também são temas abordados por meio de outros personagens da trama (Globo, 2025, p.24).

Na SD4, vemos a afirmação de que, por meio da protagonista Beatriz, a novela retrataria a luta contra o racismo e a atuação do movimento negro. Quando retomamos as condições de produção desse enunciado, percebemos a imagem que a Globo constrói de si como uma emissora comprometida com a diversidade - uma declaração que se apoia em formações imaginárias que projetam a empresa como agente ativo no combate ao racismo. Embora essas questões tenham sido realmente mencionadas no início da novela, elas foram sendo apagadas ao longo da trama, assim como a presença dos personagens negros dos núcleos secundários e da própria Beatriz. Não cabe aqui analisar diretamente esse apagamento na materialidade audiovisual da novela, mas podemos observá-lo pelas disputas de sentido que emergem nas redes sociais, onde a contradição entre a imagem institucional da Globo e o desenvolvimento da narrativa aparece constantemente tensionada.



Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender como a representação de mulheres negras, tanto no ESG 2024 da Rede Globo quanto na novela *Garota do Momento*, é discursivamente construída e tensionada. A partir da análise, foi possível observar que, embora o Relatório se apresente como valorativo, diverso e representativo, o discurso nele inscrito se imbrica a condições de produção marcadas por relações de força que reproduzem ideologicamente contradições históricas na representação racial.

Podemos dizer, a partir da Análise de Discurso materialista, que há um deslizamento de sentidos entre os discursos institucional e ficcional. O Relatório se ancora em uma formação discursiva que enuncia a igualdade racial como já alcançada (“tramas potentes”, “protagonismo negro”), enquanto a novela, em sua materialidade fílmica, reinscreve sentidos de subalternização e apagamento das mulheres negras. Essa contradição evidencia que o discurso sobre representatividade não é apenas uma questão de presença, mas de posição sujeito, isto é, de quais lugares simbólicos esses corpos podem ou não ocupar dentro da narrativa.

Desse modo, a efetiva representatividade de mulheres negras na mídia brasileira exige mais do que a presença de atrizes negras em papéis centrais. Requer a transformação das formações imaginárias e das condições de produção que sustentam o racismo estrutural nas narrativas midiáticas. É preciso que o discurso sobre diversidade se traduza não apenas em número de personagens negras nas telas, mas em uma transformação nas tramas simbólicas e ideológicas que historicamente as relegaram a papéis de subalternidade. Enquanto isso não acontecer, as chamadas “tramas potentes” continuarão sendo, como sugere o título de nosso trabalho, uma promessa e uma interrogação.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 2
- BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representação do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane da Silva (orgs). **Mídia e Racismo**. ABPN, 2012.
- CARNEIRO, Sueli. O negro na TV pública - Desconstruindo narrativas colonizadas. In: ARAÚJO, Joel Zito (org.). **O negro na TV pública**. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2012.
- FÃS de “Garota do Momento” se revoltam com perda de espaço de Duda Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKKDPNuNux1/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, v. 9, n. 17, dez. 2018. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/littera/article/view/10378>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, [1969] 1997.
- RELATÓRIO ESG. Disponível em: <https://somos.globo.com/esg/pt/2024/home/>. Acesso em: 28 maio 2025.